

MOEDA - Ao contrário do que pensava há um ano, Prêmio Nobel de Economia diz que valorização do real seria problema se governo estivesse muito endividado em dólar

Krugman agora descarta problemas com câmbio

JIM YOUNG/REUTERS

RICARDO LEOPOLDO
DA AGÊNCIA ESTADO

Ao contrário do que manifestou há cerca de um ano, em São Paulo, o prêmio Nobel de Economia de 2008, Paul Krugman, não acredita que a valorização do câmbio hoje seja um problema para a economia do Brasil. "Se o déficit de transações correntes atingir 3% a 4% do PIB, tudo bem. O quadro fica preocupante quando esse indicador fica bem maior, algo perto de 6% a 7% do PIB." Perguntado sobre o que o fez mudar de opinião, ele respondeu com certa ironia: "É que naquela época eu não estava suficientemente pessimista sobre a economia mundial como estou hoje."

Em palestra realizada na quinta-feira na capital paulista, Krugman destacou que o nível de atividade nos EUA deve ficar fraco nos próximos seis anos. Ele também ressaltou que para o desemprego naquele país retornar ao patamar de pleno de emprego, ou seja, algo próximo a 5%, deverá demorar pelo menos 20 anos. Atualmente a taxa de norte-americanos desocupados é de 9,6%.

Krugman destacou que a valorização cambial seria nefasta para a economia brasileira se ela estivesse enquadrada em



PAUL KRUGMAN
Prêmio Nobel de Economia 2008

Se o déficit de transações correntes atingir 3% a 4% do PIB, tudo bem. O quadro fica preocupante quando esse indicador fica bem maior, algo perto de 6% a 7% do PIB."

um dos três seguintes cenários. O primeiro é de altíssimo endividamento do governo e de empresas em dólares. O segundo é o que qualificou como "armadilha de liquidez para exportações", no qual a moeda doméstica excessivamente forte poderia impactar muito a produção industrial local e também as vendas externas.

BOLHAS. Nesse contexto ocorreria uma queda do nível de atividade interna, o que geraria alto desemprego. Num cenário como esse, os juros poderiam cair para taxas muito baixas, mas tal medida seria inócua. A terceira é algo como ocorreu

nos EUA de 2002 a 2007, quando foi registrado o ingresso muito grande de recursos internacionais que propiciou uma vasta onda de investimentos em vários tipos de ativos, como residências. Mais tarde, tal excesso de liquidez gerou bolhas naquele país, o que criou a atual crise na qual a economia norte-americana está envolvida. "Esse terceiro cenário é algo para se observar no futuro, mas não acredito que tem altas chances de ocorrer no Brasil", disse.

Krugman afirmou ser viável que o Brasil cresça na média de 5% nos próximos três ou quatro anos. "Esse é um País que tem 200 milhões de habitantes, um

mercado interno grande e apresenta boas condições econômicas, com uma forte redução da desigualdade social nos últimos anos", disse. O economista fez referência aos 29 milhões de pessoas que saíram da classe E e ingressaram nas classes C e D de renda de 2003 a 2009, como apontou a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Prêmio Nobel classificou como "sensível" e "bem razoável" a condução na política econômica pelo governo do presidente Lula. "Os três demônios estão sob controle: a inflação, o câmbio e a questão fiscal", afirmou. O acadêmico destacou que não vê o atual desempenho da economia como uma expansão muito alta, que justificaria toda a empolgação com o País registrada no mercado financeiro internacional.

Por fim, Krugman observou que esse sentimento positivo também foi registrado nos Estados Unidos em 1993 e 1994, no governo do ex-presidente Bill Clinton, o que foi muito importante para os EUA ingressarem no maior período de prosperidade de sua história. Krugman mostrou-se tranquilo em relação à transição política do Brasil, dado que ocorre neste ano a eleição presidencial. "Vejo as declarações dos candidatos, o que não interfere na economia", afirmou.